

## O desempenho das exportações e as multinacionais

CRESCIMENTO DAS VENDAS EXTERNAS PODE ACABAR SENDO MAIS RÁPIDO DO QUE SE ESPERA

*Rogério L. Furquim Werneck\**

A evolução do saldo da balança comercial, desde a desvalorização cambial do início de 1999, tem dado lugar a preocupações com a possibilidade de sustentação da retomada de crescimento que vem sendo observada na economia brasileira nos últimos meses. Enquanto a demanda de importações tem sido fortemente estimulada pela recuperação do nível de atividade, o desempenho das exportações parece bem aquém do que seria necessário para fazer desaparecer de cena apreensões mais sérias com a evolução das contas externas.

Feitas as devidas qualificações sobre o comportamento dos preços de produtos exportados e importados, não têm faltado explicações que atribuem o desempenho decepcionante do saldo comercial à falta de dinamismo que seria inerente às exportações brasileiras. E muitas dessas explicações apontam para um diagnóstico um tanto pessimista, que sublinha a inevitável lentidão que supostamente deverá marcar o crescimento da receita de exportação de produtos manufaturados nos próximos anos. Entre outros entraves, têm sido destacados a falta de mentalidade exportadora das empresas brasileiras, o atraso tecnológico de boa parte do setor industrial, o protecionismo dos nossos principais parceiros comerciais, as deficiências da política de promoção comercial e as dificuldades de penetração de marcas nacionais em mercados externos, depois de anos de pouco estímulo cambial às exportações.

Nenhuma destas explicações é descabida. E cada uma delas merece a devida atenção e resposta adequada em termos de correção das políticas públicas em curso. Mas tampouco parece haver razões para levar muito longe o pessimismo que, à primeira vista, delas parece emanar. No fundo, são explicações mais relevantes para mapear os entraves a um crescimento rápido das exportações de produtos manufaturados por empresas *nacionais*. E, é claro, não devem ser poupados esforços para induzir o surgimento de novos exportadores entre empresas nacionais, que repliquem o sucesso que já há muitos anos conseguiram lograr, em diferentes segmentos do mercado externo, empresas hoje emblemáticas como a Romi, a Metal Leve e a Taurus. Mas isto não significa que o crescimento das exportações brasileiras vá ficar travado até que tais esforços tenham os resultados que deles se espera. A verdade é que, a esta altura, o desempenho das exportações de manufaturados depende em boa parte das vendas externas de empresas multinacionais instaladas no País. E para tais empresas, várias destas explicações para a falta de dinamismo das exportações tornam-se de fato bem menos convincentes.

Muito pelo contrário, sob uma taxa de câmbio adequada, as economias de escala propiciadas pelas dimensões do mercado interno brasileiro tendem a tornar plantas instaladas no País, por empresas multinacionais, plataformas naturais de exportação. Portanto, na esteira da desvalorização e do próprio sucesso do círculo virtuoso que vem realçando as boas perspectivas da economia brasileira e as oportunidades de investimento no País, era de esperar que empresas multinacionais estivessem ampliando a fatia de suas vendas no mercado mundial que reservam às plantas instaladas no Brasil. A grande questão é em que medida isto vem de fato ocorrendo.

O que se tem disponível, por enquanto, são informações fragmentárias, que tem de ser tratadas com o devido cuidado, mas que parecem estar formando, aos poucos, um mosaico que talvez já permita vislumbrar um quadro de desempenho das exportações brasileiras de manufaturados no futuro próximo bem menos pessimista do que vem sendo pintado.

Comparando-se os dados de comércio exterior referentes ao primeiro semestre deste ano com os relativos ao mesmo período do ano passado, observam-se saltos de mais de 40% no valor em dólar das exportações de bens de consumo duráveis e de bens de capital. Especialmente notáveis foram os aumentos nas exportações do setor automotivo e do setor eletro-eletrônico, em boa parte atribuíveis ao crescimento das vendas externas de empresas multinacionais. As exportações de automóveis tiveram um aumento de 64%. As vendas externas da Motorola aumentaram 288% e as da Ericsson 347%. Mantido o ritmo do primeiro semestre, estas duas empresas estarão exportando um total de mais de US\$ 700 milhões no corrente ano.

Várias empresas multinacionais têm de fato atribuído a suas fábricas no Brasil o encargo de suprir não só o mercado local, mas também o mercado regional que, com frequência, significa não apenas o Mercosul, mas toda a América do Sul. É o que vem ocorrendo, por exemplo, no caso da indústria de computadores, com as filiais locais da Compaq e da Dell, que instalaram fábricas no País nos últimos anos. Mas também vem ocorrendo com empresas de outros setores, que operam no Brasil há muitas décadas, como é o caso da Johnson & Johnson, que hoje centraliza no País toda a sua atividade industrial na América do Sul, que envolve produção de uma vasta gama de bens de consumo, que vai de artigos de higiene a medicamentos e materiais médico-hospitalares. Recentemente foi anunciado também que a Unilever decidiu fazer do Brasil um dos grandes centros de produção e exportação de artigos que comercializa globalmente com marcas mundiais. O País vai também firmando-se como exportador relevante de motores de automóveis, destinados não só a outros países latino-americanos, mas também à Europa e aos Estados Unidos. Exportações de motores vêm sendo feitas por várias das montadoras instaladas no País. Deve-se mencionar ainda o novo ímpeto exportador do setor de autopeças, no qual a participação das multinacionais cresceu para pelo menos 70%, depois da onda de fusões e aquisições que se observou nos últimos anos.

São informações esparsas e é importante insistir que devem ser tratadas com cautela. Não podem servir para extrair conclusões apressadas sobre a balança comercial, até mesmo porque muitos destes setores e empresas são também grandes importadores e, ademais, o seu desempenho exportador pode vir a ser seriamente afetado pelo crescimento da demanda interna que vem ganhando força. Mas ainda que esparsas, tais informações apontam para a importância de se prestar a devida atenção em desenvolvimentos recentes que parecem prenunciar uma evolução bem mais promissora para as exportações do que em geral vem sendo vislumbrado.

---

\* Professor do Departamento de Economia da PUC-Rio.